

ITAPAGIP3¹

Uma experiência metodológica colaborativa sobre a Península de Itapagipe

Daniel Sabóia

Arquiteto urbanista, graduado Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFBA

Fábio Steque

Arquiteto urbanista, graduado Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFBA

Patricia Almeida

Arquiteta urbanista, graduado Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFBA

O Trabalho Final de Graduação (TFG) é defendido hoje por alguns acadêmicos como mero atestado de capacidades em Arquitetura e Urbanismo, algo como um “exame de ordem”, necessário à obtenção da licença profissional, em que a apresentação de desenhos técnicos corretos teria mais importância do que caráter político da proposta. Como decorrência deste pensamento, vem a exigência de que esta atividade tenha caráter exclusivamente individual. O trabalho descrito a seguir² apresenta um posicionamento contrário a esse pensamento, na medida em que coloca a colaboração como elemento fundamental em todo o seu desenvolvimento e também por defender a im-

portância do TFG enquanto possibilidade de contribuição ao debate do que vem a ser o ofício do arquiteto-urbanista e seu posicionamento frente à cidade. A escolha pela colaboração, tanto entre os três autores como entre eles e os diferentes atores sociais que fizeram parte desta construção coletiva é, ademais, um desdobramento natural da forma como nos habituamos a trabalhar ao longo da graduação e como pretendemos seguir depois dela.

Partimos às atividades com o propósito de pensar uma área da cidade considerando a sua complexidade, os dados objetivos e subjetivos, os diferentes pontos de vista, desejos e forças. A articulação cuidadosa destes elementos e a elaboração de uma resposta crítica e propositiva do lugar é onde nos propusemos chegar, entendendo que o registro deste processo servirá como experiência metodológica mas, sobretudo, como contribuição ao debate acerca de questões fundamentais ao desenvolvimento desta parte da cidade e instrumento de empoderamento a pessoas que, em diferentes instâncias, lutam por uma cidade melhor.

AS FORÇAS ATUANTES NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE

A construção da cidade e a configuração de seus espaços e práticas acontecem segundo a ação de forças vindas de múltiplas direções. A relação entre elas torna-se mais evidente em contextos em que colocam-se em disputa os espaços da cidade. Este era o ponto de partida da nossa busca, por um contexto urbano, que nos possibilitasse levantar, a partir do cruzamento dos desejos, práticas, partilhas e conflitos entre diferentes atores sociais, questões que nos aproximassem de uma apreensão da complexidade daquela parte da cidade.

A Península de Itapagipe se localiza ao norte do centro tradicional da Cidade do Salvador. Seu território amplo tem uma população de mais de 170 mil habitantes e cerca de 14 bairros (não há definição oficial de bairros em Salvador). Tem significativo lugar no imaginário do soteropolitano, por sediar marcos culturais da cidade, como a Igreja do Bonfim e a tradicional festa de lavagem das suas escadas, a procissão do Bom Jesus dos Navegantes – a partir da Igreja da Boa Viagem – e a praias muito frequentadas da Penha, Bogari, Boa Viagem e Cantagalo. Apresenta também indicadores sociais que estão entre os mais baixos da cidade, nos bairros concentrados na região que ficou conhecida como os “Alagados da Bahia”, proveniente de ocupações sobre o mar, em palafitas, seguidas de aterros.

O lugar nos chamou a atenção pela complexidade que apresentava e por sua representatividade, mas sobretudo, pelo quadro de disputa que vem se delineando nos últimos anos sobre parte significativa do seu território. O mercado imobiliário, ávido pela criação de novos vetores de expansão para os seus investimentos, vem pressionando pela desapropriação de uma grande área em sua costa oeste, voltada para a Baía de Todos os Santos. Este processo, apesar de contar por repetidas vezes com a cumplicidade do poder municipal – através de decretos de desapropriação e apresentação de projetos de “revitalização” de grandes áreas – vem sendo contestado pela população local que, bem articulada em uma rede de associações de moradores, conseguiu impedir sucessivas tentativas de implantação de projetos de grande impacto urbanístico que previam a relocação de milhares de moradores.

CAMINHO

Nas primeiras tentativas de definir uma metodologia inicial para o desenvolvimento do trabalho, esbarramos na dificuldade de traçar previamente um caminho a ser percorrido. Resolvemos então assumir a ideia de que cada etapa indicaria o passo seguinte e que cada uma delas deveria resultar do acúmulo de questões e reflexões levantadas até então.

Outro aspecto metodológico importante adotado foi a constante busca pela desestabilização das questões teóricas de onde partíamos e das conclusões a que chegávamos, através das experiências que realizávamos na cidade. Esta postura possibilitava a visualização de desvios aos rumos inicialmente pensados para cada etapa, mostrando alternativas de prosseguimento mais coerentes com o processo e com o lugar.

Buscávamos reunir as informações necessárias para apresentar um contraponto às formas convencionais de analisar e propor cidade, considerando variáveis menos visíveis a um olhar mais rápido e distanciado de uma experiência direta com a cidade. Como nos propõe Ana Clara Torres Ribeiro. (2004, p. 101)

Apaguemos, portanto, pelo menos por algum tempo, os holofotes e escutemos o rumor e os gritos dos espaços inorgânicos, imaginando-os menos distantes, menos segregados, menos folclorizados. O que poderia ser apreendido numa experiência como esta? Talvez, outras formas de fazer cidade e de aprender, neste fazer, com a cultura do Outro: mortos e vivos. Desta experiência hipotética, também poderia advir a descoberta de formas de realização da

economia menos excludentes, competitivas e desapropriadoras de territórios e bagagens culturais.

APREENSÃO, INTERPRETAÇÃO E SÍNTESE

No primeiro passo da nossa aproximação a Itapagipe, procuramos realizar uma atividade que colocasse em confronto o nosso conhecimento prévio a seu respeito e a dinâmica dos seus espaços, na tentativa de perder os referenciais existentes e possibilitar novas percepções e desvios. Para isso, realizamos derivas partindo de quatro pontos conhecidos nos extremos do território, com a intenção de nos perdermos por suas ruas, atentos às ambiências, dinâmicas, ritmos, sons, usos, etc. Cada uma das quatro caminhadas deu origem a uma narrativa em texto e outra em imagem, nas quais tentamos construir a possibilidade de realização de novas experiências do lugar, por parte do leitor que entrasse em contato com elas.

Estes primeiros contatos nos revelaram um território amplo, muito diverso em suas ambiências, usos, conjunturas sociais e tipologias de ocupação. Em alguns lugares prevalecia uma sensação de calma silenciosa que nos transmitia, a depender do contexto e da relação das pessoas com a rua, tranquilidade ou apreensão. Em outros pontos éramos expostos a uma profusão caótica de estímulos sensoriais que nos sobrecarregava, dando a sensação de que não conseguíamos apreender grande parte das informações ao percorrer aqueles espaços. E por toda parte, muros. Enormes trechos de muros e grandes edifícios que, em sua maioria abandonados ou subutilizados, interferiam de forma significativa nas ambiências dos lugares que percorríamos. Eram vestígios de uma história que precisávamos investigar.



Registros das conversas com moradores da península durante a realização da tática de aproximação

Autoria: ITAPAGIP3.



Esquema com as etapas de montagem da caixa de memórias

Autoria: ITAPAGIP3.

Partimos para um levantamento de dados bibliográficos e documentos históricos que ajudassem a compreender o processo de formação e crescimento de Itapagipe. Descobrimos um processo histórico marcado pelo acúmulo, mais do que pela sobreposição. Lugar de veraneio, de peregrinação religiosa e de festas de largo; polo industrial; subúrbio adensado crescendo em direção ao mar sobre palafitas; praia e ponto turístico. Este conjunto heterogêneo é o resultado da coexistência destas ambiências, acumuladas ao longo da história da península e presentes hoje, seja de maneira viva nas práticas sociais e no imaginário das pessoas ou por sua presença latente nos edifícios abandonados. Estes não permanecem através

da sua transformação e atualização, mas do seu abandono, como símbolo da decadência local.

Assim como a história oficial é a manifestação de um discurso hegemônico, os edifícios que subsistem numa paisagem como testemunho da história são também expressões de um poder dominante, na medida em que as classes mais poderosas foram as que, ao longo da história, construíram os objetos mais duráveis (ABREU, 1998). Era importante para nós, nesse sentido, tentar perceber como estes processos históricos ficaram registrados na memória dos habitantes de Itapagipe. Os dados bibliográficos que coletamos seriam, assim, o nosso ponto de partida para uma troca com estas pessoas, na tentativa de compor um re-



Registro da etapa de cruzamento das falas e do processo de elaboração dos diálogos

Autoria: ITAPAGIP3.

lato histórico que incorporasse suas memórias e as confundisse com a história oficial.

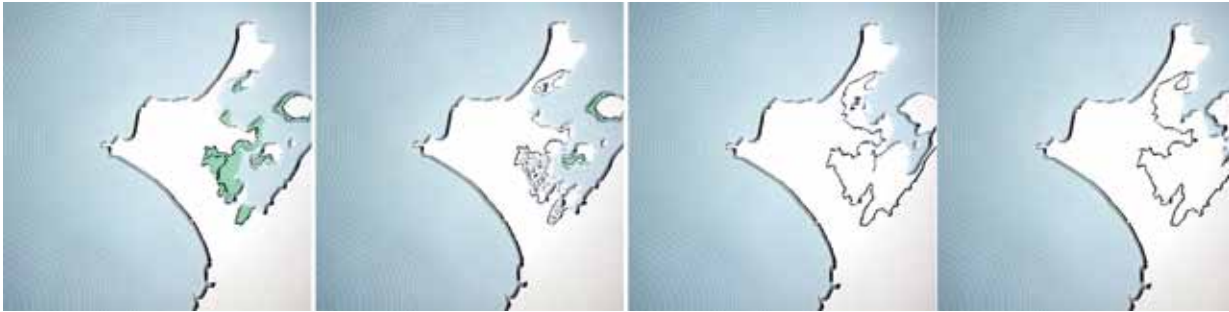
A potencialidade deste relato histórico, para nós, reside na pluralidade do seu discurso e na multiplicidade dos pontos de vista, mantendo as suas contradições e possibilitando conexões distintas. A referência formal está, assim, mais ligada à diversidade e ao fragmentário do que à síntese e à unidade. É importante também ressaltar que o relato é apenas uma versão, a nossa, ficcional como todas as outras.

Para levar nossas questões à rua e tentar estabelecer trocas com os moradores da península, procuramos desenvolver algo que pudesse ser ao mesmo tempo tática³ e resultado da experiência, um objeto que fosse se construindo à medida em que a ação ia sendo realizada. Desenvolvemos uma caixa, com diferentes gavetas que pudessem guardar as cartas que registravam as histórias e memórias coletadas. A cada conversa, novas car-

tas eram produzidas e adicionadas ao conjunto, que ao final constitui a própria história que reunimos e que temos para contar deste lugar.

Nas falas dos habitantes, além das memórias, emergiram questões atuais importantes, que apontavam para o prosseguimento da nossa aproximação. Era importante investigarmos melhor estes novos indícios, mas não poderíamos analisar apenas o ponto de vista do habitante, ou correríamos o risco de olhar para o problema de forma demasiado restrita. Resolvemos então ampliar o número de vozes e ouvir também pessoas que, de outros modos, participavam da construção daquele território, na tentativa de visualizarmos uma teia mais complexa e multidirecional de forças.

Agrupamos os atores sociais entrevistados em cinco categorias: *Habitante*, *Movimento Social*, *Arquiteto-Urbanista*, *Empresariado* e *Estado*. Obtivemos as falas do ator social *Habitante* com cinco moradores de diferentes lugares da península e do Mo-



Maquete-diagrama representando a situação do território da península de Itapagipe em quatro momentos segundo levantamentos do Serviço Geográfico do Exército (1942) e Orto

Fonte: CONDER/INFORMS (1959, 1976, 2006).

vimento Social com alguns líderes comunitários, articulados através da Rede CAMMPI.⁴ Para reunir as falas do *Arquiteto-Urbanista*, conversamos com um arquiteto que trabalhou no projeto de urbanização dos Alagados, de 1974 a 1986, e com integrantes da equipe que desenvolveu o projeto Nova Cidade Baixa, financiado pela Fundação Baía Viva, associação sem fins lucrativos constituída por empresários do ramo imobiliário de Salvador que, por fim, representou o papel do *Empresariado*.

As falas reunidas foram agrupadas por afinidade de temas, fazendo emergir conflitos e confluências entre os discursos. Este “Teatro de Atores Sociais”⁵ que montamos possibilitava múltiplas interpretações, oferecendo ao leitor a compreensão tanto do cruzamento das falas como do discurso individual de cada ator. Além disso, possibilitou também a construção de um cenário,⁶ que montamos para encontrar a maneira como nos inseriríamos neste jogo/peça.⁷

Após este denso processo de imersão nas ambiências do lugar, na sua história e no jogo de forças entre os atores sociais, partimos para o esforço de

traduzir todo esse material em análises e interpretações, a partir de duas principais plataformas. No primeiro momento, sentimos a necessidade de voltar aos espaços da península e, imbuídos da compreensão a que havíamos chegado, olharmos para determinadas questões sob um novo ponto de vista. Era também uma forma de desestabilizarmos as conclusões a que havíamos chegado, confrontando-as mais uma vez com o lugar e trazendo-o de maneira mais forte em nossas análises. O registro realizado em vídeo desta atividade foi reunido em uma narrativa visual, que sintetiza nossa compreensão de Itapagipe até então.⁸ No segundo momento procuramos cartografar as questões, localizando-as no território.

“LÁ E CÁ”, PERMEABILIDADES E VAZIOS

Nos diálogos com os atores sociais uma fala nos marcou de maneira especial, pois levantava de maneira contundente e ao mesmo tempo simples uma questão fundamental para entender muitas outras: “*O caminho de Areia é um muro invisível*”, nos disse um integrante da Rede CAMMPI, morador do bairro do Uruguai. A polaridade entre dois

lados distintos e separados por uma limite muito claro foi a questão mais recorrente nos discursos de moradores.

Este “Lá e Cá”, como passamos a chamar, tinha origem muito vinculada ao processo de ocupação e desenvolvimento de parte do território. Uma parte significativa do que hoje é a Península de Itapagipe foi construída através de sucessivos aterros sobre as areias, os mangues e as águas da Enseada dos Tainheiros. A partir da década de 1940, quando as primeiras ocupações aconteceram, o avanço sobre o mar teve crescimento constante até a década de 1980, chegando a ser, segundo Eduardo Carvalho, o maior conjunto de palafitas do Brasil. (CARVALHO, 2002, p. 85) Hoje, oito bairros e uma população de cerca de 117 mil habitantes ocupam estas áreas. Esta população equivale a 77% do total de habitantes da península, vivendo em apenas 40% de seu território, o que nos dá uma ideia da diferença considerável de densidade demográfica entre os “dois lados”.⁹

Em contraposição a esta área, os bairros de ocupação mais antiga se configuram como um território ocupado, em sua maioria, dentro das normas oficiais. É ali que se concentra a maioria dos equipamentos públicos de grande porte, que servem toda a população. Além disso, importantes áreas turísticas e de lazer, não só para a península como para a cidade de Salvador, estão nesta área. Grandes galpões industriais abandonados dividem espaço com outros exemplares importantes do patrimônio arquitetônico e cultural da cidade, que contam com maior atenção por parte dos órgãos de preservação e são explorados pelo mercado do turismo religioso e cultural. A infraestrutura desta região, apesar de carente por melhorias e

atualizações, é muito mais privilegiada e a rede de serviços públicos básicos (como coleta de lixo e saneamento básico) tem funcionamento mais regular e eficiente.

Estes “dois lados” têm, na percepção de quem transita entre eles, um limite muito claro: o Caminho de Areia, uma das mais importantes avenidas da península. Esta via, um dos principais eixos de irrigação do transporte para boa parte dos bairros, separa duas áreas visivelmente distintas em sua ocupação, morfologia, relações sociais, qualidade física dos espaços públicos, atenção dada pelos poderes público e privado, entre muitas outras questões que saltam aos olhos de qualquer visitante, mas também se materializam na vivência e no discurso dos seus habitantes.

Como consequência desta divisão, configura-se um forte desequilíbrio na permeabilidade entre estas áreas. A maioria da população dos bairros mais antigos evita transitar pelo “outro lado”, e muito disso se deve ao forte estigma de violência, em parte real, mas em grande parte alimentado pelo jornalismo sensacionalista atual. Além disso, não há equipamentos e espaços de lazer que atraiam e motivem estes fluxos. Os bairros mais antigos, por sua vez concentram os maiores atrativos da região, concentrando fluxos vindos tanto dos bairros da península como de outras áreas da cidade. A permeabilidade através do Caminho de Areia é, assim, muito mais intensa de leste a oeste, do que no sentido oposto.

Algumas áreas apresentam-se como exceções a esta polarização. Os bairros da Calçada e dos Mares, eminentemente comerciais, não são identificados pelos moradores como pertencentes a um

lado ou outro. Nestes lugares, habitantes de toda a península e também de outras partes da cidade partilham os espaços público, numa convivência que, muitas vezes, faz emergir os conflitos relacionados à segregação existente entre os dois lados. Estes *espaços de contato*, como os denominamos, nos oferecem importantes indícios para compreender estas relações. Percebemos que, além dos serviços essenciais como educação e saúde, os maiores promotores estes contatos são o comércio e o lazer.

De todos os *espaços de contato* identificados na península, a praia é o mais significativo. Lado de lá e “lado de cá” partilham o espaço com uma intensidade e uma vitalidade sem igual em outras partes do seu território, trazendo à tona os conflitos entre eles. Percebe-se, no entanto, que esta importante dinâmica encontra uma infraestrutura muito aquém da demanda e do volume de pessoas que frequenta o local.

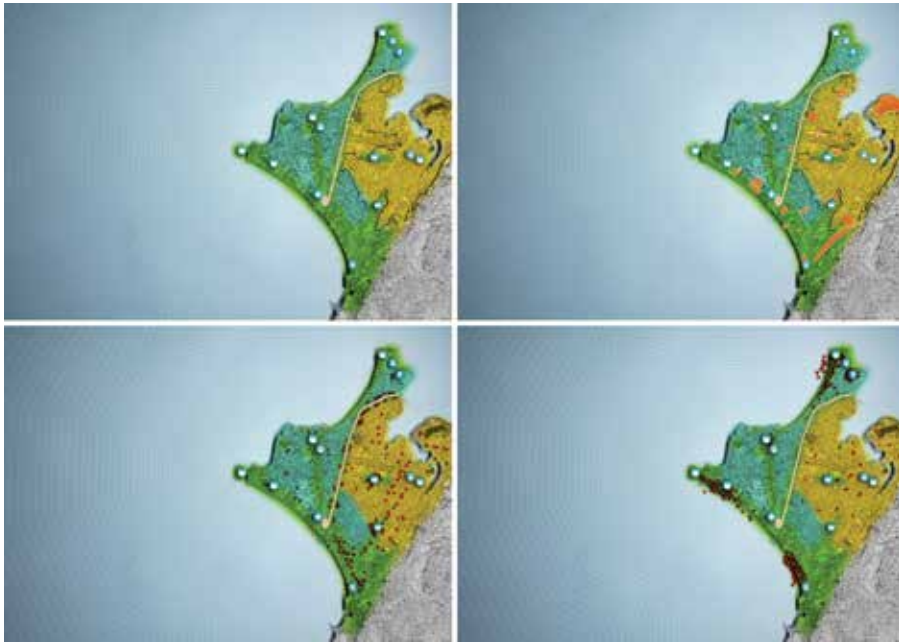
A faixa de praia que vai de Cantagalo à Boa Viagem, além de disputada por moradores de diferentes áreas da península, também tem sido nos últimos anos alvo da cobiça do mercado imobiliário. As propostas de relocação e substituição de moradores apresentam-se sob o principal argumento de “devolver à cidade” esta frente marítima, quando o que existe ali não é outra coisa que não cidade, pulsante e viva em práticas e relações consolidadas ao longo de muitos anos. Ao invés de tentar homogeneizar o uso e pacificar os conflitos – inerentes aos espaços públicos e tão maiores quanto mais utilizados por moradores de diferentes partes da cidade – a ação que se espera de um poder público responsável e que governa para a coletividade é fornecer infraestrutura adequada

para que este uso possa acontecer com qualidade e conforto para os usuários e habitantes.

Conversando com seus moradores e analisando alguns aspectos, como seus usos e equipamentos, percebe-se a existência de um “vazio”, que vai muito além das características físicas que saltam aos olhos num primeiro contato. Percebe-se um certo saudosismo, de um tempo em que a península era povoada por clubes, equipamentos esportivos, cinemas, etc. Dos diferentes ciclos históricos que passaram pela península, certamente o industrial é o que mais significativamente modificou a sua configuração. De 1891 a 1945, registra-se a instalação de 112 unidades industriais em seu território. (FLEXOR, 2011) Este ciclo importante e vultoso foi responsável pelo grande aumento populacional da região e, em parte, devido à escassez de terras, pelas ocupações sobre palafitas na região dos Alagados.

Com o desaparecimento da atividade industrial, já na segunda metade do século XX, no entanto, processo de falência e desativação das unidades industriais não foi acompanhado por ações que buscassem reinserir estes edifícios na dinâmica da cidade. Ao contrário, a questão foi negligenciada pelo poder público e até hoje é significativa a quantidade de grandes estruturas ociosas e em processo de arruinamento. Fora dos vetores de crescimento urbano – em parte estimulados pelo mercado imobiliário – a península foi transformando-se numa zona esquecida pelo planejamento da cidade.

Hoje, o lugar de Itapagipe no contexto das ações do Estado divide-se em duas categorias principais: de um lado, ações vinculadas aos graves problemas sociais encontrados nas bordas da



Mapeamentos. Em sentido horário: Lá e Cá, Vazios, Permeabilidades fim-de-semana e Permeabilidade dia-de-semana
Criação: ITAPAGIP3.

região dos Alagados; do outro, ações pontuais e insuficientes de manutenção e reforma de espaços públicos, principalmente no entorno das áreas turísticas. Uma ação marcada pelo caráter pontual de suas intervenções, ao invés de orientadas por um planejamento efetivo, num posicionamento que reflete e reforça a polaridade percebida entre “dois lados”, nas falas dos moradores.

Neste contexto, a situação dos galpões e terrenos vazios ou subutilizados é colocada, com raras exceções, como secundária. Entendemos que, ao contrário, esta questão é, simultaneamente, um dos seus maiores entraves e a principal saída para muitos dos seus problemas. A intervenção em áreas consolidadas da cidade, como é a Península de Itapagipe, muitas vezes encontra como barreira

para a inserção de bens e equipamentos públicos necessários a falta de espaço disponível. Na península, no entanto, a ocupação densa e consolidada de seus bairros é pontuada por grandes vazios. Estes terrenos, alheios à dinâmica econômica local e atual, podem ser entendidos como “reservas de espaço” que resistiram até hoje, possibilitando um necessário “desadensamento”, bem como a inserção de equipamentos públicos de lazer, cultura, educação e saúde. Enquanto faltam equipamentos neste sentido, sobra espaço para construí-los.

Além disso, entendemos que a conservação de alguns edifícios representativos do ciclo industrial da península é uma medida importante, no sentido de preservar estes testemunhos de sua história, que ajudam a entender muito da sua situação



Mapeamentos-síntese dos atores: Habitantes, Empresariado, Estado e Movimento Social
Criação: ITAPAGIP3.

atual. A readequação, destes imóveis apresenta, além disso, uma alternativa à desapropriação de conjuntos habitados, ricos em relações de vizinhança consolidadas ao longo de muitos anos, inserindo nestes contextos urbanos novos usos, que dialoguem com as dinâmicas existentes e deem melhor suporte à sua continuidade.

CRUZAMENTOS

No processo de levantamento de informações, tivemos acesso a diferentes planos e propostas para Itapagipe, apresentados por diferentes atores sociais. Entre os que conversamos para a elaboração do Teatro de Atores Sociais, três apresentavam propostas atuais para a Península. Para cada um deles foi elaborado um mapeamento-síntese, em que buscamos transpor as ideias a uma lingua-

gem similar, possibilitando um cruzamento mais claro. Nestes painéis, o mapeamento das propostas no território apresenta-se entrecruzado por imagens, palavras-chave e falas dos atores envolvidos, ampliando suas possibilidades de leitura e interpretação.

Ao cruzamento destes três mapeamentos-síntese, somamos um quarto, elaborado a partir das nossas experiências e levantamentos nas etapas anteriores do trabalho. Com este mapeamento, damos voz a questões não colocadas em nenhum dos outros planos realizados para a Península, incorporando ao cruzamento alguns indicadores subjetivos, identificados a partir da observação e principalmente da interlocução com moradores de Itapagipe.

TRÊS AÇÕES, DOIS LADOS, UMA SÓ PENÍNSULA

O cruzamento dos mapeamentos-síntese é a ponte entre a parte mais investigativa, analítica e crítica do trabalho e a sua parte mais propositiva. Sabemos que cada escolha, desde o começo do processo, já contém em si um caráter propositivo e, nesse sentido, todo processo é também projeto, assim como o que apresentamos como projeto é também análise, interpretação, síntese e crítica.

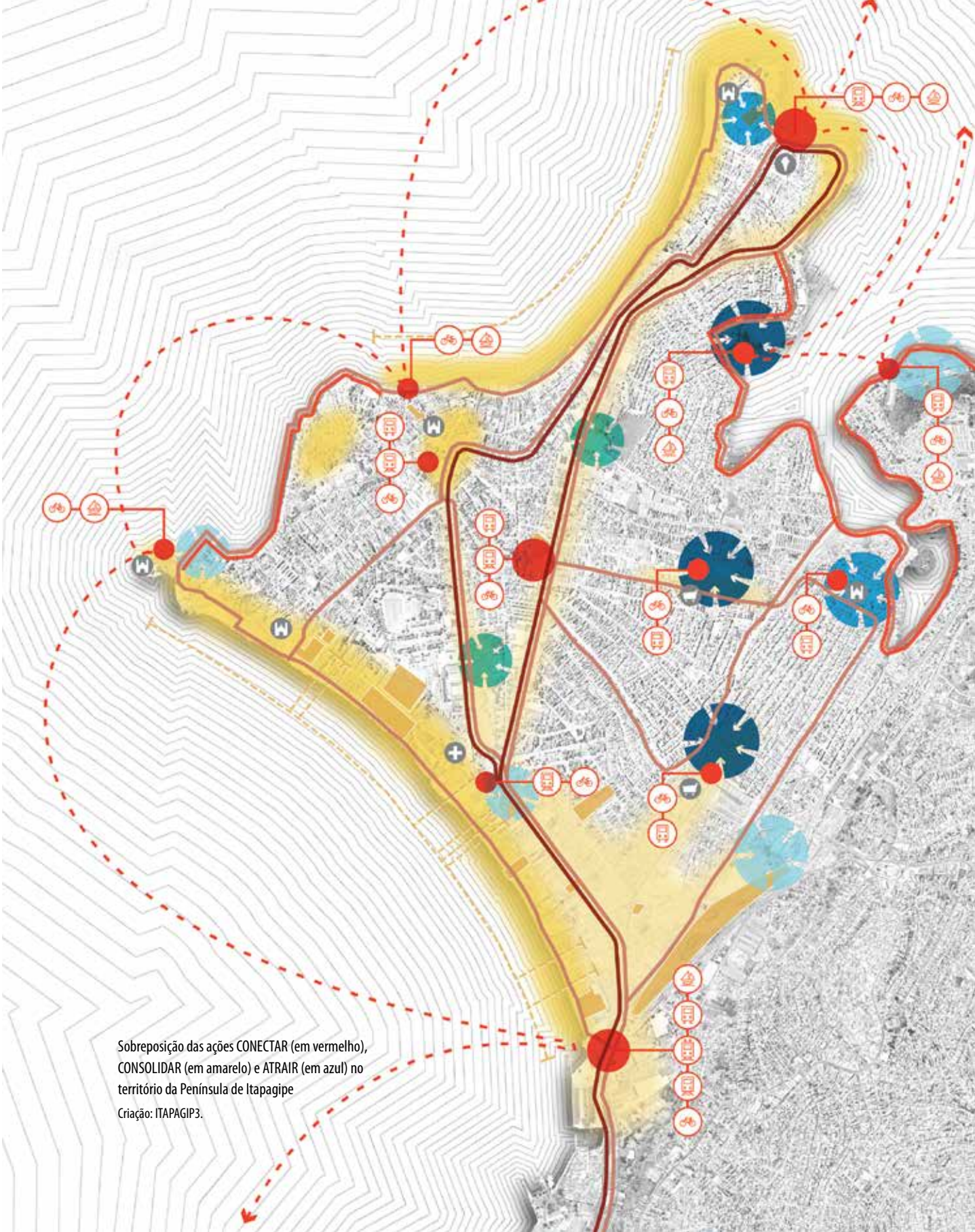
A articulação dos diferentes pensamentos analisados coloca num mesmo plano não só os diferentes atores, mas as diferentes áreas da península, normalmente pensadas de forma segregada, refletindo a segregação socioespacial já existente e assim reforçando-a. Além disso, agrega ainda um novo ponto de vista, produzido por nós a partir das observações, conversas e pesquisas realizadas. Os praticantes dos espaços da Península, muitos deles alheios e/ou desconsiderados nos processos propositivos atuais, ganham aqui voz e têm as suas práticas inseridas no pensamento que subsidia a proposta.

Incorporamos ao nosso plano elementos propostos por planos anteriores, na medida em que dialoguem e contribuam com a ideia geral que dá sentido ao nosso conjunto. A análise cruzada destas propostas apontava para a incorporação de ações sobre a mobilidade, a criação de novos espaços e equipamentos públicos e a erradicação das condições precárias de moradia e habitabilidade. A Rede CAMMPI, através do seu PRDI,¹⁰ nos trouxe um rico panorama das atividades locais, saberes, costumes e iniciativas a serem promovidas para fomentar um desenvolvimento de dentro para fora.

A intenção inicial de trabalhar numa escala que abrangesse todo o território identificado como Península de Itapagipe foi reforçada e consolidada ao longo do percurso e nos levou a questões que, mesmo surgidas na microescala, tinham uma dimensão macro. A ideia de tratar a Península como um só território é a de eliminar as diferenças culturais existentes entre os seus bairros, mas a de diminuir aquelas referentes ao acesso a bens e serviços públicos e às oportunidades de desenvolvimento social e econômico.

As medidas pensadas para o desenvolvimento desta parte da cidade tiveram sempre como ponto de partida e ponto final a população local e as práticas e dinâmicas existentes. Discordamos da ideia de que só é possível viabilizar mudanças urbanísticas de grande porte pela via da substituição de populações por outras de maior poder aquisitivo. É importante potencializar as trocas já existentes entre habitantes de dentro e fora da Península e para isso é evidente a carência por infraestrutura e serviços mais adequados. No entanto, a garantia aos habitantes locais do seu direito à cidade deve ser o principal limite às mudanças a implementadas.

Entendemos que a proposta de cidade apresentada aqui não deve submeter-se às condicionantes da conjuntura atual. O conhecimento produzido no âmbito de uma universidade pública deve estar fortemente calcado na realidade, sem no entanto reproduzir as suas limitações. A verdadeira potência deste trabalho reside nas possibilidades de transformação que, a partir da compreensão da complexidade das forças atuantes, podemos oferecer à sociedade. Nesse sentido, o esforço em articular as múltiplas vozes, desejos, forças, práti-



Sobreposição das ações CONECTAR (em vermelho), CONSOLIDAR (em amarelo) e ATRAIR (em azul) no território da Península de Itapagipe
Criação: ITAPAGIP3.

cas e memórias que configuram este lugar busca fazer ver formas de repropor criticamente o atual estado de coisas.

O olhar lançado sobre a Península de Itapagipe ao longo deste processo levou à compreensão de que o principal entrave a ser contornado deveria ser a forte segregação socioespacial encontrada. Por isso, a ideia que articula e dá sentido ao conjunto de ações propostas é a de desestabilizar os limites físicos e subjetivos existentes e potencializar novas permeabilidades. Entendendo que os motivos para este desequilíbrio tem origens distintas, as ações “atacam” o problema por três frentes, cada uma atuando sobre aspectos próprios, tanto sobre as causas como sobre os efeitos desta segregação.

A primeira ação proposta, CONECTAR, procura diminuir as dificuldades de locomoção pelos espaços da Península, causada por uma rede de transporte urbano pouco eficiente, que impede uma circulação mais natural e distribuída entre os seus espaços. O sistema existente, voltado basicamente ao transporte rodoviário, realiza-se exclusivamente através de linhas de ônibus. O transporte ciclovário, utilizado por uma grande parcela da população por ser de baixo custo e pela topografia eminentemente plana da região, é pouco estimulado. A proposta de reestruturação de todo o transporte público da Península se dá através da criação de um novo modal de transporte, o VLT¹¹ criando um eixo que ao mesmo tempo irriga toda a área ao seu redor e cria um vetor de conexão mais eficiente com a cidade. Este modal estaria integrado a um circuito de ciclovias e uma via náutica, assim como a um novo sistema de transporte rodoviário, reconfigurado em função da nova organização.

A segunda ação visa CONSOLIDAR os espaços de contato detectados na etapa de aproximação, que emergiram como importantes potências, geradores de situações de partilha e conflito nos espaços públicos da Península, possibilitando a ruptura de certos limites. Percebemos a importância de consolidar estas práticas e, mais do que isso, possibilitar a sua disseminação por outros espaços mais segregados de Itapagipe. Identificamos as principais deficiências infraestruturais que impedem a realização destas atividades com o mínimo de conforto necessário e detectamos como principal entrave, mas ao mesmo tempo principal saída, a existência de enormes edifícios e terrenos subutilizados, vazios ou com usos inadequados ao predominante em seu entorno.

Na terceira ação, ATRAIR, propusemos a desestabilização de limites e potencialização de novas permeabilidades a partir da criação de equipamentos públicos que atuem sobre dois importantes aspectos geradores da segregação socioespacial existente na Península. O primeiro deles é a inexistência, em algumas regiões, de atrativos que façam com que moradores de outras áreas da Península ou da cidade frequentem estes lugares. Nas conversas com moradores dos “dois lados”, muitos relataram que, em parte, não se cruza o limite do Caminho de Areia em direção aos Alagados simplesmente por não haver ali o que motive este deslocamento.

O outro ponto importante abordado por esta ação é a notável diferença no que se refere aos indicadores sociais entre os “dois lados” da Península. Na área proveniente dos aterros sobre o mar, os índices de escolaridade, renda e emprego estão entre os mais baixos da cidade, e isso contribui

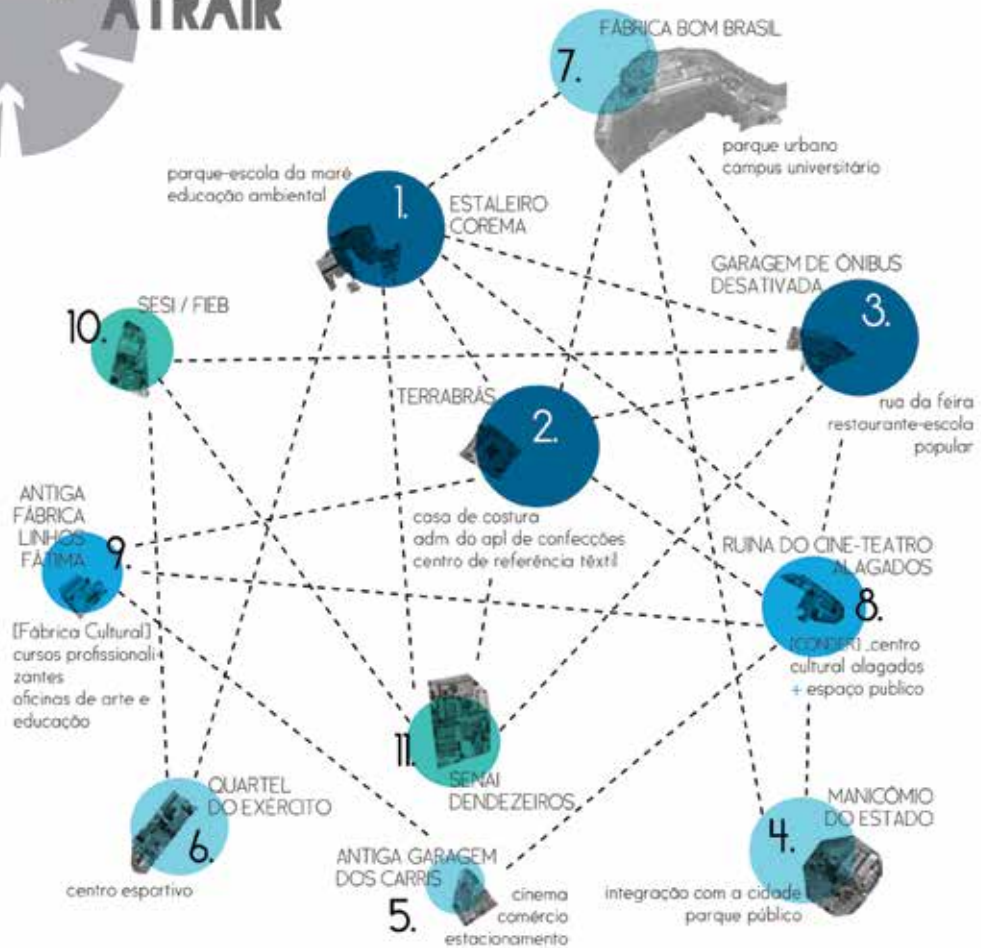


Diagrama-síntese das propostas da ação ATRAIR

Criação: ITAPAGIP3.

para os elevados índices de violência em algumas localidades que, sem equipamentos e espaços públicos, não só deixam de atrair, como repelem a vinda de visitantes de outras áreas.

Procurando atuar nestas duas frentes, a ideia principal da ação ATRAIR é criar um conjunto de equipamentos públicos distribuído por toda a Península. Os usos previstos para cada um destes equipamentos deve ao mesmo tempo atuar em duas escalas: uma mais local, relacionando-se às questões importantes do entorno onde estão inseridos, e a outra mais ampla, atraindo pessoas de toda a área e também de fora dela. A proposta de implementação destes novos equipamentos desenvolve-se em duas etapas principais. A primeira, mais urgente, tem a função principal de fazer cruzar o limite, tentando criar um contra-fluxo em direção aos bairros na região dos Alagados. A segunda visa ampliar a quantidade e a distribuição de espaços com objetivos semelhantes, consolidando uma rede espalhada por toda a Península.

PROPOSTAS INDIVIDUAIS

A etapa coletiva do trabalho encerra-se com a definição do conjunto de ações propostas, abrangendo todo o território da Península de Itapagipe. A partir deste ponto, seguimos com o desenvolvimento individual de três dos equipamentos indicados para a primeira etapa da ação ATRAIR. O desenvolvimento destes projetos, apesar de individual, preserva inevitavelmente a colaboração consolidada nas etapas anteriores, mesmo que em menor intensidade. Os pontos onde chegamos de forma colaborativa são os nossos pontos de partida para os trabalhos individuais e, nesse sentido, o saber que acumulamos e que nos serve de base nesta etapa é compartilhado, fazendo-se

necessária e natural a discussão dos trabalhos de cada um por todo o grupo.

Cada um dos projetos desenvolvidos foi embasado, também, por cuidadosos processos de investigação e apreensão das áreas de atuação específica individual. Contatos diretos com o lugar e com os atores sociais envolvidos em sua configuração, levantamentos históricos, bibliográficos e cartográficos foram realizados como etapas preliminares ao desenvolvimento de cada projeto.

Os três equipamentos estão relacionados entre si através de um programa comum, que prevê: a criação de novos espaços públicos amplos, sombreados e que estimulem a livre apropriação; usos específicos, com foco na promoção da educação e da qualificação profissional da população local, dialogando com as dinâmicas e saberes existentes e promovendo a inserção produtiva destas populações e o seu consequente desenvolvimento social e humano; biblioteca pública, com acervo focado no uso específico, mas com espaços e acervo abertos ao acesso do público; auditório público, voltado à promoção de eventos e atividades culturais locais, que deem espaço ao desenvolvimento de grupos já existentes e novos, atraindo também pessoas de todas as áreas da Península.

Os programas específicos de cada equipamento foram definidos com a ajuda do PRDI da Rede CAMMPI, que apresenta uma série de atividades presentes de maneira significativa na cultura local, mas carentes de apoio ao seu desenvolvimento. Os lugares onde estes programas se inseriam, sempre grandes edifícios industriais abandonados ou subutilizados, também procuravam estabelecer uma relação entre o programa definido e as atividades existentes no seu entorno. Três seto-



Ambiência pensada para o Parque Escola da Maré
Criação: Projeto desenvolvido por Daniel Sabóia.



Ambiência pensada para a Casa de Costura
Criação: Projeto desenvolvido por Fábio Steque.



Ambiência pensada para a Rua da Feira
Criação: Projeto desenvolvido por Patricia Almeida.

res de atividades se destacaram, na nossa leitura do plano e do lugar.

As atividades náuticas têm papel fundamental na dinâmica local, devido às suas condições geográficas, com as águas calmas e os bons ventos da Baía de Todos os Santos e da Enseada dos Tainheiros. As condições de atracação e prática de esportes náuticos favorecem a existência de toda uma cadeia produtiva, que inclui o reparo de embarcações, a pesca, esportes como remo, natação e vela e as atividades de guarda de embarcações em marinas e clubes. O incentivo aos esportes náuticos apresenta-se assim, como alternativa oportuna e necessária para a inclusão de jovens de áreas carentes da Península, assim como a profissionalização em atividades de construção naval, aproveitando e incentivando os saberes existentes nesta área. Neste sentido, é proposto o Parque Escola da Maré, na área de um grande estaleiro em vias de desativação, onde seria oferecida formação em esportes e ofícios náuticos, além de atividades de educação ambiental, visando a requalificação ambiental da área.

Outra atividade importante, remanescente do passado industrial da Península, é a produção fabril têxtil, industrial ou não. A proeminência do setor deixou como legado a forte presença da costura na cultura itapagipana. O enfraquecimento da atividade após o fim do ciclo industrial gerou um grande excedente de mão de obra, que se reflete hoje nas más condições de trabalho e remuneração a que são submetidas estas costureiras. Algumas iniciativas do Estado têm se mostrado insuficientes na reversão desse quadro e nesse sentido é proposta a criação da Casa da Costura. O equipamento, que ocupa uma garagem de tratores da empresa Terabrás, tem como foco a atualização e qualificação

da mão de obra local, possibilitando sua inserção não só na atividade industrial existente, mas na produção e venda própria, criando um polo de moda local que alie o saber existente a uma nova postura. Além disso, tenta agregar ao programa o Arranjo Produtivo Local existente, que visa estreitar as relações entre empresariado, Estado, instituições públicas e privadas e sociedade civil.

As atividades ligadas à culinária, também muito marcadas na dinâmica e na cultura local, são a base para a terceira proposta. A localização do terreno definido para este programa, uma garagem de ônibus desativada, relaciona-se diretamente com a Feira do Jardim Cruzeiro, muito importante tanto no comércio e na distribuição de alimentos locais como na memória dos habitantes de Itapagipe. Sua história se confunde com a evolução de toda uma região no seu entorno e hoje, devido a fatores como o reordenamento do trânsito e o crescimento de supermercados à sua volta, vê seu fluxo de compradores e vendedores diminuir de maneira acelerada. Para impulsionar e dar nova vida não só à venda de alimento, como à produção dos alimentos vendidos, configurando toda uma cadeia produtiva local, propõe-se a criação de um restaurante popular, hortas urbanas e novo espaço de suporte à feira existente.

Estas três propostas foram desenvolvidas em seus aspectos técnicos, programáticos, e espaciais, com ênfase nos percursos, conexões e ambiências criadas, principalmente nos novos espaços públicos, pensados como “oásis” em meio à aridez e densidade das áreas onde estão inseridos. As imagens a seguir ilustram algumas das ambiências propostas e possíveis apropriações. A descrição mais completa do seu desenvolvimento, assim

como o conteúdo completo deste trabalho final de graduação.¹² ■

NOTAS

- 1 Trabalho final de graduação defendido na Faculdade de Arquitetura da UFBA. Banca: Leandro Cruz, Eduardo Carvalho, Ariadne Morais e Paola Berenstein Jacques (orientadora).
- 2 A primeira parte dos três Trabalhos Finais de Graduação foi desenvolvida coletivamente e os trabalhos individuais subsequentes foram desenvolvidos por cada um, como desdobramento dos pontos onde a etapa coletiva chegou. Os trabalhos foram defendidos em 2012.2, na Faculdade de Arquitetura da UFBA.
- 3 Chamamos de tática a ação, definida por Michel de Certeau em seu livro *A invenção do cotidiano*, em que é possível estabelecer uma relação de troca com o outro, estando esta determinada pela ausência de poder, pela astúcia e pela hábil utilização do tempo (CERTEAU, 1994).
- 4 Comissão de Articulação e Mobilização dos Moradores da Península de Itapagipe.
- 5 Baseados na experiência de pesquisadores do LAA (Laboratoire Architecture/Anthropologie, Paris-França), particularmente o trabalho "Avoiding Images: A play for thirteen voices" (GUEZ; PARVU, 2012), partimos para a coleta de falas com a intenção de posteriormente tentar simular um diálogo entre elas.
- 6 A ideia de montar um cenário para encontrar a forma como atuar em determinado contexto vem do arquiteto finlandês Reima Pietilä: "Na caça de ideias, a perícia do homem na preparação do cenário representa a arte do caçador. A criatividade é uma questão de pôr em cena um problema com uma disposição tal que alguma coisa começa a acontecer, aparece e entra dentro dela." (PIETILÄ, 1985).
- 7 Nos interessa, neste contexto, a ambiguidade entre os significados *jogo* e *peça*, que apresentam-se a partir de uma só palavra em outros idiomas, como no francês (*jouer*) e o inglês (*play*).
- 8 Disponível online em: < <http://vimeo.com/57945146> >
- 9 Dados IBGE, Censo 2010

10 Plano Referencial de Desenvolvimento Sustentável de Itapagipe, elaborado em 2006 por integrantes de movimentos sociais da Península de Itapagipe – articulados através da Rede CAMMPI – e com a participação de técnicos da Prefeitura Municipal de Salvador, UFBA e UCSal – articulados através do NAI (Núcleo de Articulação Institucional).

11 Veículo Leve Sobre Trilhos.

12 Disponível em www.issuu.com/gruna/docs/itapagip3

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia I. série*, Porto, v. XIV, 1998, p. 77-97.
- CARDOSO, Ceila Rosana Carneiro. *Arquitetura e indústria: a península de Itapagipe como sítio industrial da Salvador moderna 1891-1947*. 2004. 164 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2004.
- CARVALHO, Eduardo Teixeira de; SOUZA. *Os alagados da Bahia: intervenções públicas e apropriação informal do espaço urbano*. 2002. 307 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves Petrópolis, Vozes, 1994.
- FLEXOR, Maria H. O.; Schweizer, Peter J. *Península de Itapagipe: patrimônio industrial e natural*. Salvador: EDUFBA, 2011.
- PARVU, Sandra; GUEZ, Alain. *Avoiding Images: a play for thirteen voices*. *Candide* No. 6, 10/2012, p. 73–92.
- PIETILÄ, Reima. *Intermediate zones in modern architecture*. Helsinki, Museum of Finnish Architecture, Alvar Aalto Museum, 1985.
- RIBEIRO, Ana Clara T. Oriente negado: cultura, mercado e lugar. *Cadernos PPG-AU/FAUFBA*. Salvador, Ano 2, Número Especial: Territórios Urbanos e Políticas Culturais, p. 97-107, 2004.